



TÃO PERTO E TÃO LONGE: A DANÇA CATUMBI, TICUMBI OU QUICUMBI E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO MEIO SOCIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARAQUARI / SC

Carolina de Mattos Vaz¹

RESUMO: *Através de abordagens histórico-sociais é possível observar a contribuição dos negros pertencentes à comunidade quilombola de Itapocu, no estado de Santa Catarina. A música aparece como tradição, já que o município ainda é o único local do estado em que acontece uma dança de origem africana denominada Catumbi, Quicumbi ou Ticumbi. A dança demonstra a importância social como uma forma de identidade, pois as vivências são passadas aos participantes e seus descendentes através de lembranças e memórias. As festas que a envolvem louvam Nossa Senhora do Rosário e é uma forma de traçar um paralelo entre o mundo do cativo e o da liberdade, já que durante o ritual seria possível, intrinsecamente, venerar os santos católicos, algo que acontecia desde a época da escravidão. Essa era uma das práticas para que inúmeras famílias descendentes de escravos pudessem manter e reestruturar laços sociais e comunitários.*

PALAVRAS-CHAVE: *Dança. Resgate social. Comunidade quilombola.*

1. Introdução

O objetivo desse artigo é demonstrar uma das formas encontradas pelos afrodescendentes para realizarem suas festas que evidenciam as suas crenças. O local escolhido para ser analisado é a comunidade de Itapocu, localizada próxima ao município de Araquari, no estado de Santa Catarina, já que nela ainda acontece a dança Catumbi, Quitumbi ou Ticumbi, cuja origem é africana e que teve início na época da escravidão. Sobre essa questão cultural, que é passada de geração a geração, José Luiz Santos (1994) demonstra duas concepções. Uma trás os aspectos da realidade social, que seria tudo o que caracteriza a existência social em um povo ou nação. A segunda refere-se ao conhecimento, às crenças de um determinado povo, ou seja, um domínio de determinada vida social.

A reflexão sobre essa transmissão de costumes culturais, especialmente no contexto do Catumbi, trás teóricos como Hardt, Negri e Virno, no que diz respeito ao conceito de multidão, povo e a forma como a sociedade foi se desenvolvendo e se colocando ao longo da história, se mostrando cada vez mais independente em relação ao sistema. Esses conceitos estarão sendo tratados no decorrer desse artigo.

2. Afro-brasileiros no Brasil e em Santa Catarina

Para que a questão racial que permeia o Catumbi possa ser compreendida, estarei referenciando alguns autores como Ilka Leite e Lilia Schwarcz, que nos situam em relação a história dos afrodescendentes em Santa Catarina desde a época da escravidão.

Lilia Schwarcz (1993) no livro “Espetáculo das raças” busca entender as transformações das teorias sobre raças no Brasil entre 1870 e 1930, enfatizando as transformações de conceitos e modelos, assim como a transformação dos contextos em que se inseriam no Brasil. Para a autora o importante é perceber “como o argumento racial foi política e historicamente construído, assim como o conceito ‘raça’, que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação, sobretudo social” (p.17).

Para a autora, entender essas transformações nas teorias raciais e suas vigências é

¹ Graduada em Pedagogia, mestranda em Ciências da Linguagem pela UNISUL. E-mail: matos.vaz@uol.com.br.

importante para refletirmos sobre as teorias a respeito do assunto, que, a propósito, são recebidas com entusiasmo por parte dos estudiosos em diferentes estabelecimentos de ensino e pesquisa. Somente em 1870 as teorias raciais europeias começam a se difundir e dessa forma, passam por adaptações e vão sendo atualizadas de acordo com o contexto político e social brasileiro. Os intelectuais aproveitavam o que acreditavam combinar com o país e descartavam o que seria problemático na construção de uma argumentação racial a respeito da nação.

Dessa forma, as teorias raciais passaram a ser argumentos que seriam aproveitados nos critérios diferenciadores de cidadania, assim como uma forma para se pensar em um projeto civilizatório para o país e legitimar as diferenças sociais da antiga ordem escravocrata.

De acordo com IBGE, em 21 de Março de 2003, o Governo Federal criou a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir), reconhecendo às lutas históricas do Movimento Negro no Brasil. Essa data é a mesma em que se comemora o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), memorando o Massacre de Shaperville, em Joanesburgo, África do Sul, onde, em 1960, 20 mil negros protestaram contra a lei que os obrigava a portar cartões especificando os locais onde poderiam circular. O protesto terminou de forma catastrófica na medida em que o exército atirou na multidão, matando 69 negros, além de ferir 186.

A Lei 12.288 criada em 2010 pelo Estatuto da Igualdade Racial e que, conforme o Seppir, colaborou na elaboração do Plano Plurianual (PPA 2012/2015), resultou na criação de um programa específico denominado “Enfrentamento ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial”.

Se tratando de Santa Catarina, é um estado com um grupo minoritário de descendentes africanos, tanto no sentido demográfico como político. A população que se considera negra aparece com um dos menores índices do Brasil. Na outra parte se encontram açorianos, “lusu-brasileiros” e uma boa parcela de descendentes de europeus, sobretudo alemães, italianos e poloneses. Por essa razão, foi tendo uma imagem de um “Estado branco” ou, ainda, “Uma Europa incrustada no Brasil”, de acordo com Leite, Ilka (1996, pág.38)

Em meados do século XIX, Santa Catarina teve um projeto que visava o “branqueamento do país com o discurso de que “o país carecia de uma nacionalidade” (Azevedo apud Leite, 1996, p. 38). Esse projeto foi, de certa forma, concretizado; já que houveram inúmeras medidas legais para uma quantidade considerada de imigração de europeus vindos de diferentes procedências. Dessa forma, a heterogeneidade aos poucos foi sendo desconsiderada e a população marginalizada e/ou inculta foi sendo vista como inferior ou, até mesmo, incapacitada.

Conforme Ilka (1996) os temas relacionados aos negros passaram a ser foco daqueles que demonstravam, ou pretendiam, “não no ângulo inicialmente proposto – o da coação do escravo e demais naturais ao trabalho livre, mas, sim no da perspectiva de substituição pelo imigrante”.

A autora descreve São Paulo dos anos 1840 em um quadro onde os proprietários tentavam usar os imigrantes nas grandes fazendas e provar que futuramente substituiriam os escravos. Já em Santa Catarina, a substituição ocorreu por uma via direta, onde o escravo nem ao menos ingressou no mercado de trabalho assalariado, que se mostrava cada vez em maior evidência, de forma que os afrodescendentes, então, logo passaram a fazer parte do mercado informal.

Leite (1996) cita que Romero (1880) defende o branqueamento argumentando que essa seria uma forma de elevar o nível mental e social do brasileiro. Para Rodrigues (Leite, 1990), quando os povos que eram vistos como selvagens se relacionarem com aqueles tidos

como civilizados, ou se tornariam civilizados também ou, pouco a pouco, seriam extintos.

Após a segunda guerra mundial percebeu-se que a mestiçagem proposta, o embranquecimento racial e, conseqüentemente, social, seria impossível; entretanto, alguns impactos já haviam deixado sua forte marca. Os índios já se encontravam em trabalhos braçais e os negros, até então escravizados, desqualificados culturalmente e sem aptidões para exercerem qualquer cargo profissional.

Para Leite, ao longo do século XX toda essa intenção de branqueamento foi reforçada, ainda que indiretamente, através de diversos estudos científicos, mesmo que inconscientemente, no caso daqueles que pretendiam mostrar a realidade dos negros no sul do Brasil.

3. Afrodescendentes: Uma questão de olhares

Os afrodescendentes trouxeram inúmeras contribuições para a música brasileira através de ritmos, instrumentos e danças, mas, muitas vezes não são lembrados e parecem permanecer a margem da sociedade, organizando-se, frequentemente, em grupos fechados que trazem marcas que carregam desde a época da escravidão, como é o caso do Catumbi, o qual me proponho discutir.

De acordo com Hernandez (2005) os conjuntos de escrituras a respeito da África acabaram sendo equivocados por conta de pré-noções e preconceitos decorrentes, em especial do século XIX e XX, ou, ainda, da ignorância a respeito do continente africano. A autora afirma que os estudos sobre o mundo não ocidental foram instrumentos de política nacional que acabavam contribuindo, direta ou indiretamente, para uma rede de interesses político-econômicos, que ligavam as grandes empresas comerciais às áreas de relações exteriores e o mundo acadêmico. Os africanos foram caracterizados de acordo com suas características fisiológicas baseadas na etnia negra. O termo “africano” teve um significado preciso: negro, que vem junto com uma série de características impostas pela sociedade como frouxo, fleumático, indolente, trazendo um aspecto de inferioridade e primitismo, em relação ao trabalho intelectual, uma vez que para o braçal sempre esteve apto, de acordo com a autora.

Atualmente é possível perceber que esses conceitos já não se sustentam mais e dessa forma a “voz negra” vai ganhando espaço em uma sociedade que agora passa a se organizar de novas formas, conquistando lugar para se mostrar, como é o caso do Catumbi.

4. Um pouco do Distrito de Itapocu em Araquari / SC.

Itapocu, conhecida em um primeiro momento como Porto Sertão, era um local habitado por um número considerável de negros e escravos que haviam sido libertados e mantinham a tradição da dança Catumbi como uma forte manifestação cultural. Em 1854 criaram a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e em seguida a incluíram no calendário religioso. Nessa ocasião, Manoel Bangala foi nomeado capelão da igreja, já que teria sido o responsável em trazer a imagem de Nossa Senhora do Rosário e também havia sido o líder da fuga de 25 famílias de um navio negreiro cujo destino teria sido São Francisco do Sul. Antonio Crioulo, escravo, foi nomeado como capitão do grupo de Catumbi de Itapocu.

Esse grupo se demonstrou sempre resistente em sua organização cultural e atualmente, apesar de poderem comemorar o Natal no dia 25, pois até a metade do século só podiam realizar a manifestação posterior ao “Natal dos Brancos”, portanto, somente no dia 26, ainda há duas igrejas na comunidade que são: Sagrado Coração de Jesus, destinada aos brancos; e Nossa Senhora do Rosário, destinada aos negros e que foi construída com pedras da antiga igreja, além de arrecadações através de festas que foram promovidas e doações.

5. O Catumbi, Quicumbi ou Ticumbi: música, dança e resistência

Em Santa Catarina, onde grande parte das práticas culturais é de origem europeia, resistia de outro lado o Catumbi. Diz a lenda que o Catumbi surgiu de uma homenagem de dois negros escravos que, ao fugirem e ficarem encurralados, pediram que Nossa Senhora do Rosário lhes escondesse e, havendo um clarão, o capitão e os cães do mato não os encontraram, pois ficaram ofuscados. Em gratidão, por onde passavam homenageavam a Santa através de canto e dança. A dança, denominada posteriormente de Catumbi, Quicumbi ou Ticumbi, passou a ser uma expressão cultural de origem africana que se manifesta no Natal até os dias de hoje. As festas que envolvem essa dança se destinam a louvar Nossa Senhora do Rosário e são uma forma de traçar um paralelo entre o mundo do cativo e o da liberdade, pois seria possível, intrinsecamente, venerar os santos católicos, algo que acontecia desde a época da escravidão. Essa era uma das práticas para que inúmeras famílias descendentes de escravos pudessem manter e reestruturar laços sociais e comunitários. O Grupo Catumbi é responsável por esse louvor, uma das poucas manifestações dos afrodescendentes que ainda acontecem em Santa Catarina.

Os personagens envolvidos nessa dança provocavam estranheza, respeito e admiração entre os afrodescendentes. A manifestação é composta por um Capitão, duas Porta-bandeiras, dois Tamboreiros, um Rei, uma Rainha e inúmeros dançantes. Apesar de em Setembro já começarem alguns preparatórios, efetivamente tem início em 23 de Dezembro, quando ocorre a realização das novenas. Nessa ocasião, o grupo do Catumbi, assim como os fiéis, fazem o transporte das coroas que permaneceram na igreja no decorrer do ano para a Casa do Império que se localiza em frente à igreja. Na noite do dia 24 de Dezembro, véspera da procissão que ocorre no dia 25 de Dezembro das 9 às 14 horas para comemorarem o Natal, há novamente a procissão no percurso inverso, ou seja, da Casa do Império para Igreja. Na frente da procissão do grupo Catumbi há o rei e a rainha já coroados, os juizes e os fiéis. Após a novena, a procissão retorna levando as bandeiras e as coroas. A imagem da Nossa Senhora do Rosário é levada até a casa do Rei e da Rainha, onde irá permanecer até a manhã seguinte.

A celebração é composta de símbolos como coroas, bandeira, espada e uma pomba dourada, tambor feito de olandim (madeira seca e oca), couro de cachorro-do-mato na parte superior e de cabrito na inferior; a baqueta, que é chamada de pimbo, é feita de canela ou peroba. Os integrantes desse grupo utilizam um véu de cetim cor-de-rosa, uma saia acima do joelho e franzida na cintura e uma espada de madeira. As duas porta-bandeiras são as únicas mulheres do grupo, embora seja uma homenagem a um símbolo feminino, Nossa Senhora do Rosário. O enredo é feito por cada grupo Catumbi, mas todos têm em comum a coroação dos reis congos e as batalhas das embaixadas.

O major Álvaro Tolentino de Souza, em palestra realizada em 30 de Maio de 1940, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, comentou sobre o Catumbi em São José:

O elemento africano, para atenuar a nostalgia da terra nativa, que nunca mais veria, organizou a dança dos Cacumbis, constituída de um casal real, aclamado pelos seus súditos e a competente Corte, que se exibiam nas ruas, com vestes de cores berrantes, chapéus afunilados, turbantes e bonés, dançando e cantando versos adrede arranjados. A coroação dos reis e o benzimento da bandeira, fazia-se com grande estardalhaço, apresentando um espetáculo inédito, alegre e pitoresco. Depois das danças, entremeadas e trejeitos, seguia-se um farto repasto, regado a vinho e aguardente. Em ampla sala ornamentada com folhas de sagu, dispostas nas paredes e bandeirolas multicores de papel, iluminada com côtos de velas colocadas em arandelas e distribuídas pelos portais, os reis dos Cacumbis recebiam as homenagens dos seus vassallos, muitos dos quais vindos de localidades distantes, rufando

tambores e tocando marimbas, cantando ao mesmo tempo versos adequados à festança, muitos dos quais as velhas pretas conservam na memória:
 No vosso terreiro chegamos marchando pela porta a dentro entramos cantando.
 Pela porta a dentro entramos a cantar aqui está Nossa Senhora que lhes veio visitar.
 Abála, abala, que vem da Bahia. Vamos todos embora para a terra fria.
 Mulatinha de Angola, Janga-quererê!
 Bendito e Louvado que estais na custódia, rainha dos anjos, estrela da glória!
 Estrela da luz, estrela do norte, guia nossas almas na hora da morte.
 Na hora da morte esperamos também o céu e a glória para sempre, amém!
 Todo o soldado que veste calção não pede dinheiro ao seu capitão!
 Oh! Sim! Oh! Não! Senhor capitão! Queremos dinheiro da nossa ração!
 Estamos eu em casa muito bem descansado vieram soldados meter-nos em quadrado.
 Oh! Sim! Oh Não! Senhor Capitão! Que é do dinheiro da nossa ração!
 Pelo amor de Deus me deixe passar. O rei do rosário amanhã vem pagar!
 Nossa Senhora mandou um recado que eu fosse cantando o bendito louvado.
 Eu com esta espada de tão fino corte, corto cabeças no primeiro golpe!
 Senhora do Rosário que hei de fazer? Puxar da espada pra me defender!!!
 E numa alegria que tocava as raíais do delírio, cantava a negrada até meia noite, hora em que o toque de recolher, badalado no sino da Casa da Câmara, obrigada o bando a dissolver-se” (Souza; Cabral, 1943, 1º semestre)”

É possível notar que essa descrição feita pelo Major Tolentino demonstra alguns detalhes que já não fazem mais parte do ritual, mas, é perceptível também um ar de superioridade ao referir-se aos afrodescendentes, chamando-os de negrada, ou quando diz : “...obrigava o povo a dissolver-se”

6. A comunidade de Itapocu e sua relação com as novas formas de constituição da sociedade

A comunidade de Itapocu foi formada a partir da busca de escravos por locais que, além de lhes proporcionarem certa liberdade, pudessem exercer suas atividades e crenças. É nesse contexto que formam uma comunidade com traços de uma pequena multidão, conceito esse que será mais detalhado posteriormente através de Virno, Paolo (2001), mas antes disso jugo necessário entendermos brevemente de que forma a sociedade foi se transformando, se reconstituindo.

Hardt e Negri, no livro “Império”, tratam da nova forma em que as comunidades vão se organizando a partir de um novo contexto, onde a globalização é evidenciada e onde as fronteiras não aparecem somente como inexistentes, mas em constante expansão, havendo uma transformação geográfica imperialista e o mercado global aparece como uma mudança no mundo capitalista. Para os autores, se a modernidade é europeia, a pós-modernidade é americana.

A mão de obra comunicativa, operativa e cordial toma o lugar da mão de obra industrial. A produção de riqueza vem da própria vida social, onde o econômico, o político e o cultural se sobrepõem e se completam. Os Estados Unidos, que segundo os autores trazem aspectos fortes da pós modernidade, é visto ao mesmo tempo como única potência e opressor imperialista, partindo do fato de que se utiliza o poder global vindo dos países europeus.

O Império, usado como um conceito, é caracterizado pela ausência de fronteiras, ou seja, o poder exercido por tal não tem limite. Também não é um regime histórico nascido da conquista, não se apresentando como um momento transitório e sim um regime sem fronteiras temporais. Por fim, o Império cria o próprio mundo, além de administrar o território com sua população, não só regulando as interações humanas, mas também regendo diretamente a natureza humana. O seu governo tem como objeto a vida social em sua

totalidade e, seja como for, seu conceito é sempre dedicado à paz eterna e “globalizada”, a qual transcende a história.

Nesse novo contexto o capitalismo flui, não precisa mais de fronteiras, estado nacional, na medida em que se expande de qualquer forma porque a lógica é de inclusão, de consumo. Nessa nova forma de economia, que é globalizada, a política não “manda” em tudo, pois as relações econômicas tornaram-se mais independentes de seus controles. A produção e a troca ficam mais evidentes, uma vez que se encontram cada vez mais além das fronteiras nacionais e, com isso, o Estado-nação vai perdendo o seu poder de regular os fluxos e impor sua autoridade.

O termo “Império” é justamente essa nova forma global da economia, consequência, provavelmente, da incapacidade dos Estados – nação em regular as permutas econômicas e culturais. Enfim, passa a haverem fronteiras territoriais hierárquicas fiscalizando a identidade e excluindo tudo aquilo que pudesse representar o outro. O Império não estabelece um centro territorial de poder e nem propõe barreiras fixas.

A globalização, por sua vez, nos faz não resistir a esses processos que se transformam, mas sim reorganizá-los e direcioná-los a novos objetivos. Porém, a multidão é extremamente forte, afinal de contas, é o “conjunto de explorados e subjugados”, termo utilizado por Hardt e Negri em “Império” (pág.317). É sustentadora do Império e poderá construir o Contra Império, ainda que independentemente, ou seja, como uma organização política, alternativa de fluxos e intercâmbios globais. Essa contestação trará uma alternativa real, que terá lugar no terreno imperial. Será preciso, então, inventar novas formas democráticas e novos poderes que, em algum momento, irão através e além do Império. De acordo com Hardt e Negri a transição do Imperialismo para o Império é europeia em um primeiro momento e depois euro-americana, já que os conceitos e práticas do Império se desenvolveram ao mesmo tempo em que o desenvolvimento do modo capitalista de produção.

Contra o Império está a multidão, que não possui qualquer obrigação em relação ao poder, pelo menos em princípio; aliás, pelo contrário, na multidão o direito tanto em relação à desobediência como à diferença, são fundamentais. Porém, a multidão, ao se fechar, o que ocorre claramente na comunidade quilombola de Arauari, provavelmente não obtiverá nem visualização e nem resposta às suas indagações, afinal, a comunicação é uma forma de ação e podemos observar esse aspecto facilmente através dos diversos canais de transmissão, entre eles televisão, rádio, internet e jornais impressos, que cada vez se mostram mais abrangentes.

Entretanto, essas comunidades aparecem desfavorecidas, não só no sentido econômico, mas também no acesso aos meios de comunicação, seja como ouvintes ou, ainda, como reivindicadores, demonstrando novos pontos de vista. Essa pequena multidão demonstra uma voz que quase não é ouvida, pelo menos não o suficiente para que tenham os mesmos direitos, talvez até pelo falta de acesso aos meios de comunicação, como a internet. Esses não costumam ser tão intensos, até por uma questão econômica desfavorecida, e muitas vezes não conseguem obter a mesma multidão como em outras reivindicações, afinal, não é um assunto de interesse geral, mas sim de uma pequena parte da nossa sociedade “embranquecida”. Sem contar que, muitas vezes, as reivindicações frequentemente trazem uma leitura errônea, ou ainda, um pequeno recorte.

É fácil observar essa questão quando, no caso da comunidade quilombola de Itapocu, os afrodescendentes só puderam comemorar o natal no dia 25 de Dezembro, pois, conforme já dito anteriormente, só comemoravam após o natal dos brancos.

Bem, a globalização nos faz não resistir a esses processos que se transformam, entretanto tem o poder de reorganizá-los e direcioná-los à novos objetivos. A multidão mostra-se extremamente forte, afinal, é o conjunto de subjugados e explorados. Entretanto, em uma região como Itapocu, cuja mistura de raças é evidente, parece haver uma prevalência

da vontade “dos brancos”. Talvez até pela marca da idéia de embranquecimento que abordei em outro tópico desse artigo.

De qualquer forma, esses movimentos revolucionários demonstram que houve transformações. A multidão, marcada pelo trabalho e cooperação, trabalha para produzir, tendo como objetivo o seu próprio desenvolvimento, e, conseqüentemente, resistência e poder, além de não possuir qualquer necessidade em buscar meios que a faça ser reconhecida como sujeito político. Para Negri, Marx traçou uma teoria em relação ao poder constituinte que identifica o sujeito histórico no proletariado, entretanto, não seria mais possível enxergar o proletariado dessa forma, ou seja, como classe operária industrial. Negri procura no mundo contemporâneo o sujeito adequado ao poder constituinte e é justamente nesse viés que amplia o conceito de proletariado para o conceito de multidão. A multidão, então, ganha “voz ativa”.

O problema da decisão na política é algo subjetivo da multidão, trata-se da decisão da multidão sobre si mesmo, do domínio sobre si mesma. A construção da multidão acontece no biopolítico e sai da singularidade para ir de encontro ao poder constituinte, que é o seu atributo mais potente. A intenção da multidão é exercer o poder, assim como destruir a relação de soberania com o Império, interrompendo a bipotência exercida, fazendo-se auto governo, democracia absoluta.

Para Paolo Virno (2001) multidão e povo não são sinônimos, já que, enquanto o povo é uma multiplicidade que demonstra uma vontade comum e converte-se em uma unidade a partir das singularidades, a multidão, não querendo se submeter ao poder do soberano, conserva as suas singularidades individuais, assim, como sua multiplicidade, mostrando-se à margem das tentativas de unidade.

Vale ressaltar que em um pensamento liberal a multidão sobrevive como dimensão privada, sendo que esse privado não se trata somente de algo pessoal, pois nesse caso o privo aparece no sentido de “privado de voz”, de presença pública, o que talvez possa ser estendido para o caso da comunidade de Itapocu, a qual retrato nesse artigo.

Nessa multidão contemporânea não há somente cidadãos ou produtores, pois está entre o individual e o coletivo e é justamente por isso que já não é mais possível distinguir com tanta rigidez o que é público e o que é privado.

A unidade da multidão não é mais o soberano ou o Estado, mas sim o que lhe é comum: a linguagem, o intelecto, os afetos. De acordo com Virno, a multidão é uma rede de indivíduos onde os muitos são uma junção de infinitas singularidades; sendo que essas singularidades devem ser vistas, não como um ponto de onde partir, mas sim um ponto de chegada como resultado de todo um processo de individuação.

Para Virno, o povo e a multidão estão relacionados, já que o coletivo não é o lugar de formação de uma vontade em comum e também não é uma conformação em relação ao poder do Estado. Sob o ponto de vista da multidão, o coletivo é fundador da possibilidade de uma democracia radical e não representativa enquanto individuação dos aspectos sócio – históricos pré-individuais, os muitos persistem enquanto muitos.

7. Considerações finais

Por todos esses conceitos que foram abordados podemos pensar que o Catumbi traz uma nova forma de se organizar, uma multidão que, aos poucos vai ganhando seu espaço e se manifestando de maneira tão rica culturalmente, com tantos símbolos. Entretanto, também é claro que ainda há uma disputa entre a Igreja Nossa Senhora do Rosário e a Igreja Católica.

A manifestação que o Grupo do Catumbi demonstra nos remete a manifestações africanas. Itapocu aparece como um território negro para as comunidades ao seu redor, embora nas relações ainda haja um local de bastante resistência e preconceito contra os

negros. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Itapocu atualmente é percebida como um elemento coadjuvante na formação da identidade negra das comunidades que se encontram ao redor, mas, através da música, consegue ter o papel interlocutor, representando todas as comunidades deste pequeno espaço territorial e possui marcas histórias de uma instituição que teve um grande papel político, na medida de que conseguiu romper com a Igreja Católica Romana, ganhando espaço e formando uma nova multidão.

Referências

- <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1371-1384.pdf>
 HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2001
 _____. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001
 HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**. 3ª edição. São Paulo: Ed Selo
 LEITE, Ilka Boaventura (org). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
 _____. **O mito das três raças repaginado**, 2011. Disponível em
 <<http://www.geraldobaru.blogspot.com.br/2011/09/o-mito-das-tres-racas-repaginado.html>>. Acesso em 06 de Maio de 2014.
 SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
 SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espetáculos das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 18970-1930. São Paulo: Companhia as Letras, 1983.
 SILVA, Janaína Amorim. **Tramas Cotidianas dos Afrodescendentes em São José na Pós-Abolição**. Dissertação – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis. 2011.
 SOUZA, Álvaro Tolentino; CABRAL, Oswaldo R. **Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina**, ano 1943, 1º semestre.
 VIRNO, Paolo. **Gramática de la multitud**: Para uma análise de las formas de vida contemporâneas. Madri: Traficantes de Sueños, 2003.